

30/6-2/7/2022 | Universidade Fernando Pessoa

GREEN MARBLE 2022

Encontro Internacional de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica
Há só uma Terra
International Meeting on Anthropocene Studies and Ecocriticism
Only One Earth

with the special panel “Risks in the Anthropocene”

Resumos/Abstracts

Índice

António Guimarães Brito ⁽¹⁾ , Fernanda Luisa Diel ⁽²⁾ & Gabriele Orti Chuchri ⁽³⁾	3
Daniel Buschmann	4
António Gaspar Cunha	6
Delzi Alves Laranjeira	7
Isabel Ponce de Leão	8
Maria de Fátima Gonçalves Lima	9
Maria do Carmo Mendes	10
Rui Paes Mendes ⁽¹⁾ , Sandra Mendes ⁽²⁾ , Dora Pinto ⁽³⁾ & Aida Ribeiro ⁽⁴⁾	12
Natália Nascimento e Melo	14
Adriano Carlos Moura	15
Katarína Podušelová	16
Cláudia Toriz Ramos	17
Ellen Maria Martins de Vasconcellos	18
<i>Special panel “Risks in the Anthropocene”</i>	20
Filipe Duarte Santos	20
Patrick Keys	21
Orfeu Bertolami	22
Agostino Cera	23
Fernando Lopes Chaves	25
Daniele Fulvi	25
António Bento Gonçalves	26
Carmen Diego Gonçalves	28
Paul Lewis	29
João Ribeiro Mendes	30
Artur Sá	31
Petr Špecián	32
Wofgang Wagner	33

Antônio Guimarães Brito⁽¹⁾, Fernanda Luísa Diel⁽²⁾ & Gabriele Orti Chuchri⁽³⁾

⁽¹⁾UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA; ⁽²⁾⁽³⁾UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

O impacto sócio-econômico-ambiental do agronegócio no Brasil: na perspectiva do Antropoceno à Pachamama.

Resumo. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), durante o ano de 2020 o agronegócio no Brasil cresceu 24,3%, representando 26,1% do PIB nacional. Simultaneamente, a pobreza vira realidade para 27,7 milhões de brasileiros. Somado a isso, as relações para com o meio ambiente se deterioraram, ao passo que nos últimos anos decretos de desmonte de políticas ambientais entraram em vigor, ameaçando órgãos e entidades socioambientais*. O desenvolvimento econômico pouco está relacionado ao bem-estar nacional, diz respeito apenas a uma minoria elitizada agroexportadora. Empobrece o solo, adoece os rios, acelera e provoca a seca, falta de chuvas, desflorestamentos e queimadas, o aumento do preço dos alimentos, produz fome, perda das terras indígenas, e desemprego, aumentando as tensões sociais e pobreza, além de ameaçar a soberania e segurança alimentar. Dos objetivos: estudar o agronegócio no Brasil. Quadro conceptual: Perspectiva do ANTROPOCENO e a PACHAMAMA. Da metodologia: A partir do método histórico com fontes documentais e bibliográficas da Ecocrítica, Antropoceno e Pachamama. Pontos principais do estudo: a) *O Agronegócio no Brasil, fome e degradação ambiental: das raízes históricas ao futuro Incerto.* B) *Diálogo do Antropoceno e Pachamama.*

* ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS SERVIDORES DE MEIO AMBIENTE (ASCEMA). Cronologia de um Desastre Anunciado: Ações do Governo Bolsonaro para desmontar as políticas de Meio Ambiente no Brasil. Dossiê. Brasília, 3 set. 2020.

CV

⁽¹⁾ Doutor em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Associado II e Efetivo na Universidade Federal do Rio Grande. Leciona e pesquisa Ecologia Política e Antropologia do Direito. Autor de livros. Conferencista. Romancista e escritor.

⁽²⁾ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista PQA no Grupo de Pesquisa Pachamama e Ecologia Profunda.

6) Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista CNPq no Grupo de Pesquisa Pachamama e Ecologia Profunda.

Daniel Buschmann

SLOVAK ACADEMY OF SCIENCES

*Intercultural Philosophy for the Anthropocene: Can *wu-wei* serve as a guiding principle for contemporary environmental policy?*

Abstract. Environmental problems in the Anthropocene have been describe as “wicked” (Incropera 2015, Lazarus 2009) because they have a global scale, a vast temporal scope, an extreme degree of complexity with no single right answer, multiple conflicting stakeholders, and no authority empowered to solve them (Reif 2021). This poses two crucial questions: How can we understand such “wicked” problems, and how can we – witnessing the 26th COP finish with disappointing results* – address “wicked” problems adequately, meaning beyond the so far insufficient strategies of technological innovation, market mechanism, and alarming appeals?

In my PhD-research, I propose that the Anthropocene displays a scientific paradigm shift (Kuhn 1962), similar to the discoveries of Copernicus or Darwin, that fundamentally alters the way we understand our relation to the world (Maslin/Lewis 2015). I therefore suggest that Holocene-philosophy needs to radically reconsider its basic understandings of human-nature relations in order to embrace the needs of Anthropocene-philosophy: interdisciplinary, interconnectedness of global economy and ecology, researcher subjectivity, scientific uncertainty, limits to knowledge, questions of future and of (in-)justice.

An intercultural dialogue seems to be best suited to understand such a global phenomenon, and the Chinese perspective was repeatedly highlighted as a relevant (Heubel 2021, Parkes 2021, Arrighi 2008). Moreover, dialectic philosophical traditions are able to address non-linear complexity, non-dualism, and socio-ecological interconnectedness (Görg et al. 2021, Nelson 2021, Brand/Wissen 2013). Consequently, my research compares how two dialectic concepts – *non-identity of nature*, originating in a 20th century Western critical theory tradition, and *wu-wei*, stemming from Daoist writings in the 4th century BCE – can be used to understand wicked problems in the Anthropocene. Here I propose that the problem analysis offered by *non-identity of nature* is complementary to the practical political guidelines following from *wu-wei*. Therefore, I discuss whether *wu-wei* could serve as a guiding principle for

environmental practice in the Anthropocene, indicating a pathway to a sustainable society without the need for nature domination.

* <https://climateactiontracker.org/publications/glasgows-2030-credibility-gap-net-zeros-lip-service-to-climate-action/> (retrieved 16.11.2021).

References: Arrighi, G. (2008): Adam Smith in Beijing. Die Genealogie des 21. Jahrhunderts. Aus dem Amerikanischen von Britta Dutke. VSA publishing. <https://www.vsa-verlag.de/nc/detail/artikel/adam-smith-in-beijing>; Brand, U., and Wissen, M. (2013): Crisis and continuity of capitalist society-nature relationships. The imperial mode of living and the limits to environmental governance. In: Review of International Political Economy 20(4): 687-711; Görg, C., Plank, C., Wiedenhofer, D., Mayer, A., Pichler, M., Schaffartzik, A., and Krausmann, F. (2020): Scrutinizing the Great Acceleration: The Anthropocene and its analytic challenges for social-ecological transformations. In: The Anthropocene Review 7(1): 42-61. <https://doi.org/10.1177/2053019619895034>; Heubel, F. (2021): Was ist chinesische Philosophie? Kritische Perspektiven. Felix Meiner Verlag, Hamburg; Incropera, F.P. (2015): Climate Change: A Wicked Problem. Complexity and Uncertainty at the Intersection of Science, Economics, Politics, and Human Behavior. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316266274>; Kuhn, T.S. (1962): The Structure of Scientific Revolutions. University of Chicago Press; Lazarus, R.J. (2009): Super Wicked Problems and Climate Change: Restraining the Present to Liberate the Future. In: Georgetown Law Faculty Publications and Other Works 159. <https://scholarship.law.georgetown.edu/facpub/159>; Maslin, M.A., and Lewis, S.L. (2015): Anthropocene: Earth System, geological, philosophical and political paradigm shifts. In: The Anthropocene Review, 1-9. <https://doi.org/10.1177/2053019615588791>; Nelson, E.S. (2021): Daoism and Environmental Philosophy. New York: Routledge; Parkes, G. (2021): How to think about the Climate Crisis. A Philosophical Guide to Saner Ways of Living. London: Bloomsbury; Reif, L.R. (2021): The 'super wicked problem' of climate change is our Earthshot. We must find affordable, equitable ways to bring every aspect of the global economy to net-zero carbon no later than 2050. In: Boston Globe, April 19, 2021. <https://www.bostonglobe.com/2021/04/19/opinion/super-wicked-problem-climate-change-is-our-earthshot>

CV

Daniel Buschmann studied Political Science and Philosophy in Leipzig (DE), Vilnius (LT), and Vienna (AT). He currently works at the Environment Agency Austria in Vienna and conducts PhD research at the Slovak Academy of Sciences in Bratislava (SK). His research interest concerns the relevance of intercultural

philosophy in the Anthropocene. More specifically, he aims to contribute to a dialogue between critical theory and Daoist philosophy. Thereby he aims to update critical theory to contemporary socio-environmental challenges, discuss the opportunities and limitations of Chinese concepts for environmentalism, and draw conclusions for environmental politics in the Anthropocene.

António Gaspar Cunha

UNIVERSIDADE DO MINHO

Engenharia Climática: Poluir para Despoluir

Resumo. A ideia de um Planeta saudável, no contexto de um crescimento económico constante e de igualdade de oportunidades para toda a Humanidade, é uma utopia. Todavia, com o surgimento de evidências de que o caminho tomado conduzirá a um ponto de não-retorno climático, esta utopia terá de ser transformada numa realidade presente. É um problema social, económico e científico, mas principalmente uma questão premente da humanidade. Assim, estará a humanidade preparada para voltar atrás nos benefícios que retirou do Planeta, para reduzir a temperatura do Planeta reduzindo as emissões? Ou dará o passo em frente e promoverá o desenvolvimento de novas tecnologias que possam evitar o crescimento da temperatura? A história recente diz-nos que, com muita probabilidade, a Humanidade seguirá em frente. As sucessivas reuniões internacionais sobre o tema não permitem outras conclusões, dado que as “emissões” dessas mesmas reuniões não passam de meras declarações de intenções, ou de blá-blá-blá, como alguém diz. Pretende-se, neste trabalho, discutir a possível aplicação prática de Engenharia Climática, nomeadamente a Geoengenharia Solar, como solução para a utopia referida. Será necessário referendar se a Humanidade aceita este tipo de intervenção no Planeta, sabendo-se que ainda nada é certo. Talvez numa situação de catástrofe iminente, sem oportunidade de escolha, esta atuação seja aceite. Se por um lado, a redução de emissões de gases poluentes é de fácil implementação, bastando para isso deixar de produzir os bens a que a Humanidade se habitou, por outro, não será fácil de abdicar desses produtos, o que no limite conduzirá ao seu empobrecimento, a um retorno no tempo. Estará o Homem Antropocénico preparado para viver sem as suas extensões “ciborguianas, como o telemóvel, por exemplo? Na verdade, esta solução pode ser vista como uma ação de poluir para despoluir, poluir a atmosfera com partículas para evitar o aquecimento, mas sem que, no entanto, se despolua de facto.

CV

António Gaspar Cunha concluiu o Mestrado em Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas na Universidade do Minho em 2021, tendo realizada a dissertação com o tema “Literatura Feminista e Distópica no Universo dos Ciborgues”. Desde 2013 que se dedica à escrita literária, tendo publicados vários livros de ficção e poesia. É docente do Departamento de Engenharia de Polímeros da Universidade do Minho desde 1991, tendo publicado inúmeros trabalhos na área da engenharia e concluído a agregação na área de ciência e engenharia de Polímeros em 2011.

Delzi Alves Laranjeira

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Vaticínios da ficção climática contemporânea sob a égide do Antropoceno

Resumo. O termo “Antropoceno”, proposto por Crutzen e Stoermer (2000) para descrever a época em que a atividade humana provoca efeitos ameaçadores às estruturas geológicas do planeta, tornou-se um conceito chave nos estudos ecocríticos. A Ecocrítica propicia, entre os objetivos de sua extensa, plural e interdisciplinar agenda, a análise de narrativas que abordem as interações dos seres humanos com o ambiente e suas consequências em termos ecológicos, políticos, econômicos e sociais. No campo literário, a discussão sobre a mudança climática já é um tema dominante, explorado intensamente pela ficção climática, ou “cli-fi” (climate-fiction), cujas narrativas, frequentemente, utilizam o gênero da distopia para interpelar as consequências das ações humanas nos ecossistemas do planeta. Tanto o presente, quanto o futuro, configuram-se como incertos e soturnos na ficção climática. Buell e colaboradores (2011, p. 418), deixam claro que, por si sós, narrativas que abordam questões ambientais e ecológicas não promovem as mudanças necessárias em políticas e práticas relacionadas ao impacto das ações humanas sobre o planeta, porém, reforça que “a reflexão sobre obras da imaginação pode suscitar um profundo interesse sobre as consequências e possíveis alternativas para mitigá-las”. Glotfelty (1996, p. xxiv) afirma que “não resolveremos os problemas ambientais, a não ser que reflitamos sobre eles”. Os contos “The night drinker” (Luis Alberto Urrea) e “The good plan” (Mikael Awake), da coletânea *2040* (2019), potencializam tais reflexões, ao focarem em cenários distópicos intensamente afetados pela mudança climática. Suas narrativas mostram como os resultados dessas alterações desconstroem visões de mundo

até então consolidadas: os relacionamentos entre as pessoas, das pessoas com as instituições, com a integridade dos espaços e com as demais formas de vida, resultando, em novas adequações e sofrimentos contínuos em face das realidades inóspitas e hostis que emergem do Antropoceno.

CV

Delzi Laranjeira é doutora em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil, e professora do curso de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Participou, como pesquisadora visitante, do projeto de pesquisa “Narrating the Mesh” (NARMESH), desenvolvido na Universidade de Gent e financiado pelo Conselho de Pesquisa Europeu (ERC). Participou também do programa de mestrado “Crossways Through Cultural Narratives”, na Universidade de Sheffield, em 2019. Na UEMG, leciona literaturas de língua inglesa e coordena projetos institucionais de pesquisa, nos quais abordou, entre outras temáticas, as relações entre literatura, religião e reescritas subversivas das narrativas bíblicas. Atualmente, o foco das pesquisas é voltado para os estudos ecocríticos, com a análise de textos literários que abordam, explícita ou implicitamente, uma conexão com a ecologia do planeta, as consequências da mudança climática e as relações humano/não humano no contexto do Antropoceno.

Isabel Ponce de Leão

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

A charneca da vida: a propósito de Gente Independente de Halldór Laxness

Resumo. Quando o nobilizado (1955) islandês Halldór Laxness (1902-1998) publica, em 1934-1935, a obra *Sjálfstætt folk* (*Gente Independente* 2007 / 2017), demonstrando que a saga de Bjartur de Casas de Verão, pequeno agricultor que demanda a sustentabilidade e a autossuficiência numa Islândia inóspita, é, concomitantemente, a saga da humanidade, quando o faz, estava longe de prever, ainda que, inconscientemente, o pressagiasse, certas iniciativas de natureza científico-cultural que, em 1972, chamariam a atenção para as transformações que o planeta sofreu às mãos do homem. Desde a *United Nations Conference on de Human Environment* na Suécia, até à célebre e celebrada imagem *The Blue Marble* tudo apela a uma nova forma de percepção do planeta e respectivas consequências futuras. No mesmo ano, o biólogo James Meeker usou a expressão “ecologia literária” aproximando ecologia e literatura algo a

que William Rueckert (1978) viria a chamar ecocrítica. Contudo, só em 1996, com o advento do pós-estruturalismo, dos estudos culturais, pós-coloniais, de género... a denominação foi aceite enquanto ramo dos estudos literários. Uma aproximação ecocrítica ao texto faz-se pela deslocação do homocentrismo para o ecocentrismo, seja, a voz agora é a da terra, do lugar onde, do contexto, outrora silenciada pela humana. Mais que uma alusão ao meio ambiente, assiste-se a uma tomada de posição assertiva em relação à sua preservação. *Gente Independente* de Halldór Laxness estabelece o verdadeiro amplexo entre a literatura e as ditas ciências exatas erigindo a um primeiríssimo plano a obstinação de Bjartur face a uma inconsequente modernidade, sinónimo de destruição. Pugnando pela dignidade e sustentabilidade do homem, a personagem, numa magia lexical, faz com que a beleza das flores e dos fiordes contradite o massacre que é a vida na Islândia. É numa perspetiva interdisciplinar que será feita a releitura do “livro do século” (*The Independent*).

CV

Isabel Ponce de Leão é Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa no Porto, membro integrado do CLEPUL – U. Lisboa e do *INfAST-Institute for Anthropocene Studies*, vogal da direção da *C. Árvore* e vice-presidente do *Centro de Estudos Regionais*. Como docente e investigadora tem colaborado com outras instituições de ensino superior, em Portugal, Brasil e vários países europeus. Faz parte do conselho editorial e/ou científico de várias revistas, jornais e outras publicações e tem integrado comissões científicas de colóquios, congressos e outros eventos, que também promove, bem como júris de prémios literários aos níveis nacional e internacional. A sua atividade estende-se à comunidade civil cooperando com diversas Câmaras Municipais, particularmente com a do Porto, onde é Deputada Municipal e Presidente da Comissão de Toponímia. Áreas de investigação privilegiadas: Jornalismo Cultural e Literatura Portuguesa particularmente nas suas relações com artes plásticas, 7.^a arte e ciências.

Maria de Fátima Gonçalves Lima

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GÓIAS

O ecocriticismo de lirismo rural, de Gilberto Mendonça Teles

Resumo. Esta pesquisa estuda o ecocriticismo da obra *Lirismo Rural* de Gilberto Mendonça Teles. Nessa obra, o poeta e crítico apresenta as belezas naturais e os processos ecológicos evolutivos do Cerrado goiano, a partir da valorização de imagens poéticas, arquétipos e mitos. A análise expõe a forma como escritor

goiano ao (re) conectar as imagens poéticas, pictográficas, figurativas, visuais da natureza, centrando no universo poético e imaginário do Cerrado por meio de um poema narrativo que configura espaços de lirismo, elaboração estética e construções de mundos imaginários possíveis. *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles, conecta-se com o Cerrado brasileiro, na perspectiva de revelar seus mitos poéticos, a essência criadora do imaginário da humanidade. Dessa forma, será observado como nos poemas dessa obra, como essa a produção poética se revela preocupada com os problemas ecológicos-evolutivos que afligem a humanidade, em virtude das agressões humanas a que tem sido submetido o Cerrado no decorrer das últimas décadas, em face da corrida pelo desenvolvimento econômico sem o devido planejamento sustentável. Assim, será demonstrado os processos ecológicos e evolutivos do Cerrado centradas nos campos da imaginação e do mito poético, presente na obra. A poesia de Gilberto esconde e desnuda as aventuras do cerrado goiano em poesia que dói e assopra. O que faz da poesia de Gilberto uma ferramenta para mostrar que a natureza ou mesmo a humanidade não respondem pelos desastres ambientais, mas que é possível levar o leitor a refletir e atribuir ao homem a responsabilidade pela vida no cerrado.

CV

Possui graduação em Letras pela UCG (1985) e Direito, UCG (1987), Mestrado em Literatura Brasileira pela UFG (1992) e Doutorado em Letras (Área de Teoria da Literatura) pela UNESPE campus - São José do Rio Preto (2004) e Pós-doutorado pela - PUC/ Rio (2009), Pós-doutorado PUC SP (2014). É docente e Coordenadora do PPGLETRAS - Programa- Mestrado em Letras PUC/Goiás. Atua especialmente em temáticas referentes a estudos sobre a linguagem do texto poético, poéticas do imaginário, ecocrítica, ecopoesia, ecoficção, Escritas contemporâneas, arte e performance. É autora de 10 obras de ensaios críticos, entre eles *A Poesia Brasileira – do Barroco ao Modernismo – Teoria e prática*, *Arte e poesia em Goiás – Sete autores contemporâneos no curso da Terceira Margem da Palavra*, *O discurso do rio em João Cabral* e *O signo de Eros na poesia de G.M.T. e outros ensaios*; É também autora de 23 de obras da literatura Infante-juvenil e Membro da Academia Goiana de Letras (AGL), titular da Cadeira nº 5.

Maria do Carmo Mendes

UNIVERSIDADE DO MINHO

« *La planète mise au féminin reverdirait pour tous* » : *Françoise d'Eaubonne e o Ecofeminismo*

Resumo. O intenso debate das últimas décadas entre feminismos e questões ambientais tem dado origem a movimentos ecofeministas que começaram por defender o princípio histórico de idêntico destino partilhado por mulheres e natureza – a opressão – para, mais recentemente, sustentarem que alimentar tal princípio penaliza tanto a mulher quanto a natureza. A extensa produção teórica sobre o Ecofeminismo nasce quando o termo é cunhado em 1974 pela romancista, ensaísta e ativista feminista Françoise D'Eaubonne. Em *Le Féminisme ou la Mort* (1974), D'Eaubonne definiu as bases teóricas do Ecofeminismo. Em *Écologie Féminisme: Révolution ou Mutation?* (1978) intensificaria a sua tese sobre a associação histórica mulher-natureza e o controlo masculino dos ecossistemas. A evolução do Ecofeminismo viria mostrar que as ideias de Françoise D'Eaubonne são ora retomadas ora contestadas, mantendo-se, todavia, os seus ensaios como obras seminais deste ramo da Ecocrítica.

Esta comunicação tem assim como propósitos centrais: 1) Reconstruir a biografia de Françoise D'Eaubonne, pensadora pouco conhecida em Portugal, embora seja uma referência incontornável no âmbito da Ecocrítica; 2) Explicitar por que razões o Ecofeminismo, tal como caracterizado por D'Eaubonne, estabelece originariamente um paralelismo entre a opressão exercida pela cultura patriarcal sobre as mulheres e a violência praticada pelo ser humano sobre a natureza; 3) Identificar os aspetos mais atuais do pensamento de D'Eaubonne – em especial o seu alerta acerca de uma interferência perniciosa do ser humano sobre os ecossistemas – e as debilidades da sua teoria – em particular, as falácias da aproximação mulher-natureza e a reivindicação de que o género feminino tem forçosamente um papel positivo na sua interação com a natureza, como se depreende da afirmação da autora que dá título a esta comunicação; 5) Explicitar as tendências contemporâneas do Ecofeminismo, as suas áreas de interesse e o seu lugar nos estudos ecocríticos.

CV

MARIA DO CARMO MENDES é professora e investigadora da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho, onde exerceu os cargos de Vice-Presidente, Presidente do Conselho Pedagógico e diretora das Licenciaturas em Estudos Culturais e em Estudos Portugueses e Lusófonos. Integrou as Comissões Diretivas do Doutoramento em Ciências da Literatura e do Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Lusófonas. É vice-presidente do centro de investigação *Instituto de Estudos do Antropoceno* e vice-diretora da publicação académica *Antropocénica – revista de estudos do Antropoceno e Ecocrítica*. Especialista em Literatura Comparada e em

Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, tem publicado ensaios sobre: escritores de língua portuguesa (Camões, Padre António Vieira, Camilo, Eça, Camilo Pessanha, Aquilino, Almada, Torga, Agustina Bessa-Luís, Teolinda Gersão, Almeida Faria, Orlanda Amarílis, Rui Knopfli, Arménio Vieira, Pepetela e Germano Almeida); mito de Don Juan; Ecocrítica; Literatura Fantástica e Policial; influências clássicas na Literatura Portuguesa Contemporânea; Diálogos entre a Literatura Portuguesa e as Literaturas Hispano-Americanas. As suas publicações mais recentes são os livros: - *Idades da Escrita: estudos sobre a obra de Agustina Bessa-Luís* (2016); - *Ecocriticism. Literature, Arts and Ecological Environment* (edição com Isabel Ponce de Leão e Sérgio Lira - 2018); - *Africanidades Eletivas. 22 Estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (2020).

Rui Paes Mendes⁽¹⁾, Sandra Mendes⁽²⁾, Dora Pinto⁽³⁾ & Aida Ribeiro⁽⁴⁾

⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽³⁾ ⁽⁴⁾ CÂMARA MUNICIPAL DE BAIÃO

Destinos Turísticos Sustentáveis: um factor de intervenção política e cívica na mitigação dos impactos ambientais do turismo

Resumo. O turismo representa um eixo estratégico nas políticas de desenvolvimento de inúmeros territórios. Actualmente, é uma actividade massificada que traduz o desenvolvimento social e tecnológico das sociedades. O ser humano construiu uma sociedade de fluxos de pessoas, bens e serviços que não conhece barreiras, distâncias ou tempo. Contabilizando apenas o turismo, nos últimos sessenta anos os fluxos turísticos passaram de 25 para mais de mil milhões de turistas anuais que geram anualmente um número superior a dois mil milhões de passageiros que recorrem aos mais diversos meios de transporte – onde se destaca o avião – e que buscam experiências diferentes daquilo que usualmente encontram no seu espaço quotidiano.

Os impactos ambientais da actividade turística são enormes. Desde as emissões de carbono provocadas tráfego aéreo e automóvel, passando pela pressão provocada nos recursos hídricos nos espaços geográficos mais massificados com todos os impactos associados à produção de resíduos, à (in)capacidade de carga que altera ecossistemas frágeis, o turismo demonstra ser uma actividade com potenciais impactos ambientais disruptivos negativos.

São diversos os movimentos globais que reflectem a necessidade de uma maior exigência na concepção do produto turístico introduzindo políticas integradas de sustentabilidade na actividade turística. Vários são os territórios

um pouco por todo o mundo que têm vindo a incorporar esta reflexão e as recomendações emanadas por organismos internacionais na sua estratégia de desenvolvimento. Hoje, trabalha-se para alterar o paradigma. O turismo começa a ser encarado como um elemento gerador de riqueza para os territórios, mas também como uma oportunidade de coexistência entre os diversos activos. O ambiental, o económico, o social e o cultural começam a ser vistos cada vez mais de forma holística, integrando práticas responsáveis ou de impacto reduzido no qual as medidas compensatórias de mitigação ambiental são uma constante.

Este artigo trata de um caso prático, de um território que iniciou um processo de certificação internacional como Destino Turístico Sustentável, como forma de criar um território no qual a actividade turística é um elemento de desenvolvimento em que os ecossistemas ambiental, económico, social e cultural confluem para uma prática de equilíbrios.

CV

⁽¹⁾ Rui Paes Mendes é investigador do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território/FLUP (CEGOT), Auditor de Defesa Nacional e integra a equipa de coordenação da certificação de Baião como Destino Turístico Sustentável – *Green Team*. É licenciado em Relações Internacionais e licenciado em Geografia. Doutor em Geografia Humana, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), com uma tese intitulada "A Cidade Colonial e a Estruturação do Território em Moçambique - A evolução urbana de Lourenço Marques/Maputo, Beira, Nampula e Porto Amélia/Pemba". A sua área de investigação incide sobre a morfologia urbana, pandemias e turismo, tendo publicado diversos artigos sobre o tema.

⁽²⁾ Sandra Mendes é licenciada em Geografia, Ordenamento do Território e Desenvolvimento e mestre em Geografia Humana, especialização em Ordenamento do Território, com a tese subordinada ao tema "Marketing Territorial e Desenvolvimento das Populações: A Paisagem Cultural de Óbidos". Tem desempenhado a sua actividade profissional como técnica superior na área do ordenamento do território e urbanismo e integra a equipa de coordenação da certificação de Baião como Destino Turístico Sustentável – *Green Team*.

⁽³⁾ Dora Pinto é licenciada em Engenharia do Ambiente e do Território, com a tese "Análise da operação e exploração da Estação de Tratamento de Águas Residuais Domésticas da Câmara Municipal de Amarante" e Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, com tese subordinada ao tema "Ensaio sobre a Evolução Política do Estado Novo". É Técnica Superior na Câmara Municipal de Baião, na área do Ambiente, e integra a Equipa Coordenadora do processo de certificação de Baião como Destino Turístico Sustentável *Green Team*.

⁴⁾ Aida Ribeiro é licenciada em Engenharia do Ambiente e do Território, com tese subordinada ao tema “Avaliação do impacto da regularização de ecossistemas lóticos sobre as comunidades de macroinvertebrados”. Tem desempenhado a sua atividade profissional como técnica superior no município de Baião e integra a equipa coordenadora do processo de certificação de Baião como Destino Turístico Sustentável, *Green Team*.

Natália Nascimento e Melo

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Exposições do Antropoceno: os museus como vitrines de uma nova era

Resumo. As alterações climáticas têm sido apresentadas como uma grande ameaça à continuidade da espécie humana e a elas somam-se outras alterações de origem antropogénica, constituindo um debate mais amplo sobre o poder modificador do humano sobre o ambiente. Estas modificações deixam marcas no planeta e os geólogos discutem a possibilidade de estarmos num novo período geológico: o Antropoceno, “uma época geológica caracterizada pela transformação humana dos sistemas planetários, na qual as alterações climáticas seriam a principal manifestação” (Arias Maldonado, 2017: 11-12). O olhar sobre as diversas causas e efeitos das ações humanas sobre a Terra abre espaço para a investigação, reflexão e divulgação.

Bruno Latour apresenta o contexto histórico atual como assente numa nova realidade político-climática relacionada com três problemas globais, fundamentais para compreendermos o presente: a eleição de Donald Trump, o Brexit e as Migrações (Latour, 2018). É nesse contexto que o conceito de Antropoceno ganha força e no qual surge a nossa questão: poderão os museus, enquanto agentes de intervenção social, ser considerados parte da mobilização que caracteriza a entrada numa terceira fase do Antropoceno?

Se por um lado o posicionamento político dos países em relação às questões ambientais parece ter influência na temporalidade e na forma de apresentação destes temas, as instituições que desenvolvem e acolhem estas exposições serão também atores importantes na sua análise. Os fatores institucionais determinam temas, composições e mensagens expositivas, fazendo dos museus vitrines do passado e do presente, através das quais podemos compreender discursos e relações institucionais, políticas e sociais.

Partimos de um conjunto de 334 exposições identificadas entre 1992 e 2018, para refletir sobre o papel dos museus, enquanto instituições fidedignas dedicadas à disseminação do conhecimento, como impulsionadores de um

movimento de consciência do Antropoceno e da emergência climática que agregue questões científicas, sociais, emocionais e comportamentais.*

* Este trabalho faz parte da investigação no âmbito do doutoramento em História e Filosofia da Ciência - Universidade de Évora, sob orientação de Maria de Fátima Nunes (Universidade de Évora), Anabela Carvalho (Universidade do Minho) e Pedro Casaleiro (Universidade de Coimbra).

CV

Doutoranda em História e Filosofia da Ciência (especialidade Museologia) da Universidade de Évora e membro do Grupo Ciência - Estudos de História, Filosofia e Cultura Científica do Instituto de História Contemporânea, CEHFCi - Universidade de Évora / IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território. Licenciada em Ciências do Ambiente (2007) e Mestre em Cidadania Ambiental e Participação (2011). A minha investigação está focada nas variáveis que influenciam o surgimento de exposições sobre as alterações climáticas e o Antropoceno em todo o mundo, bem como o papel da arte enquanto impulsionadora da divulgação de temas científicos e facilitadora de debates sociais em volta dessas temáticas. Com um percurso profissional dedicado à comunicação de ciência, temas secundários incluem a representação social da biodiversidade, a abordagem transdisciplinar entre arte e ciência, e a educação ambiental e científica.

Adriano Carlos Moura

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE

Um estudo ecocrítico da poesia de Campos dos Goytacazes

Resumo. Este projeto de pesquisa visa a investigar as representações da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) na poesia de autores campistas, a fim de verificar o papel da literatura na construção da imagem que os cidadãos constroem sobre si e como se relacionam com o espaço onde vivem, com ênfase nas questões ambientais tematizadas pelo texto literário. Segundo o historiador Eduardo Lourenço (2016), todo povo necessita construir uma autoimagem positiva, e a literatura sempre exerceu protagonismo nesse processo de construção. No entanto, bem diferente do que ocorria na perspectiva romântica, os autores contemporâneos não se ocupam em construir uma imagem idealizada ou ufanista, descrevendo apenas a exuberância da natureza. Pelo contrário, fazem do texto literário instrumento para uma abordagem crítica do lugar

apresentando ficcionalmente, além das belezas naturais da cidade, como as pessoas lidam de forma predatória com esse ambiente. É com base nessa performatividade do texto ficcional possibilitada pela visão pós-colonial de sociedade, que a pesquisa de caráter bibliográfico se ancorará teórica e metodologicamente no conceito de ecocrítica, para investigar como a cidade se inscreve no imaginário literário local, compreendendo cidade não apenas sob a perspectiva urbana, social, mas também natural. Desse modo, além de contribuir para uma reflexão sobre as relações entre literatura e ecologia, pensando num mundo sustentável objetivado pela Agenda 30, busca-se também contribuir para a preservação da memória literária da cidade, o que confere à pesquisa um caráter interdisciplinar.

CV

Adriano Carlos Moura. Professor de Língua Portuguesa e Literatura, poeta e autor teatral, doutor em Estudos Literários (UFJF), mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. Atua na graduação e pós-graduação do IFF (Instituto Federal Fluminense). Ministra as disciplinas Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Coordenou o subprojeto de Letras Pibid do IFF e pós-graduação em Literatura, Memória Cultural e Sociedade. Exerceu a função de editor executivo da Essentia Editora do IFFluminense. Estudou as relações intertextuais entre o cinema e a literatura com ênfase na Estética da Recepção em pesquisa de mestrado e as literaturas angolana e portuguesa no doutorado. Tem quatro livros publicados: "Liquidificador, poesia para vita mina" (IMPRIMATUR, 2007), o romance "O julgamento de Lúcifer" (NOVO SÉCULO, 2013) e "Todo Verso Merece Um Dedo De Prosa"(CHIADO, 2016), "Invisíveis" (Patuá, 2020). Interessa-se por pesquisas voltadas para o estudo de literaturas em língua portuguesa (Brasil, Portugal, Moçambique e Angola), investigações sobre memória, identidade e as relações entre a literatura e outras artes. Atualmente desenvolve projeto de pesquisa sobre ecocrítica e poesia.

Katarína Podušelová

SLOVAK ACADEMY OF SCIENCE

Man and the Anthropocene

Abstract. The paper focuses on how the field of philosophical thinking and especially philosophical anthropology critically copes with the reflection of Man in the new state of the natural and human world, which scientists in the field of

natural sciences called the Anthropocene. Not only thinkers from the humanities and social sciences, but also natural scientists express the urgent need to reconceptualizing the view of Man. According to them, this need comes from the very nature of the Anthropocene as an epoch, the origin and course of which is determined by the anthropogenic influence of mankind on the Earth's systems. In addition to the new connection the geohistory with human history, Man or mankind has been identified as a major factor in climate change in the form of a new geobiophysical force. The new perspective of Man as a force, that has the power to change the environment to such an extent, that it becomes a threat also brings with it new issues that have not been reflected yet. Where did the turning point come? When this transformation exceeded the limits of sustainable life on a global scale? When and how did Man become a force, that can be compared to the forces of nature? Is it possible to limit this power? The answers to these questions are closely related to how we define Man. But is there a need to redefine the term Man, or is it more necessary to redefine a Man's value system and set limits to it and new goals? The aim of the paper is to capture the issue of Man in the Anthropocene by the analysis of works of selected authors, in which it is possible to identify a focus on the issue of Man from this point of view.

CV

Katarína Podušelová is currently a first year PhD student working under the supervision of Professor Richard Šťáhel in the Environmental department at Institute of philosophy Slovak academy of sciences. She conducted research on the Slovak critical environmentalism especially Ivan Dubnička's works. Her master thesis has been focused on view of Man through a philosophical reflection of Anthropocene. She continues research on the Anthropocene and her doctoral work is focused on Implications of the Anthropocene concept for philosophical anthropology. Her research interests include environmental issues and possibility of new definition of Man by analyzing current research on field of the environmental philosophy, environmental ethics and philosophical anthropology. Katarína can be contacted at katarina.poduselova@savba.sk

Cláudia Toriz Ramos

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

*A governação global do ambiente: contributo para o debate sobre
modelos multinível de governação*

Resumo. De 1972, com a emblemática Conferência de Estocolmo, a 2015, com a assunção da transversalidade do conceito de ‘sustentabilidade’ na agenda política global das Nações Unidas (NU), consagrada nos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, a governação do ambiente passou de uma matéria periférica, porventura inoportuna, para um tópico cuja centralidade económico-social e político-cultural é inegável.

Os Estados, frequentemente impulsionados pelo ambiente político internacional, este crescentemente propício à integração das temáticas do ambiente nas agendas políticas, incorporaram progressivamente políticas ambientais nas suas agendas nacionais, ainda que as variações entre Estados sejam substanciais.

Por outro lado, a nível regional-supranacional o ambiente ganhou contornos de centralidade – nomeadamente na União Europeia, cuja legislação ambiental a tornou referência mundial. Nas NU, o Programa das Nações Unidas para o Ambiente (UNEP) assumiu o papel central de coordenador das questões ambientais.

A questão aqui abordada será, pois, a da estrutura de governação subjacente a esta área de políticas. Nos estudos sobre modelos multinível diversificam-se as análises. Compreende-se hoje que a governação decorre de modelos com instâncias múltiplas de poder político. Mas sabe-se também que, nas esferas mais largas (intergovernamentais, supranacionais), o poder político tende a tornar-se mais difuso, correspondendo a níveis menos atuantes no plano da capacidade de imposição de medidas comuns. Essa é uma questão fulcral, no equilíbrio entre a premência da agenda e a sua exequibilidade. É que as implicações para a vida humana do contexto do Antropoceno são hoje sobejamente conhecidas. A reação política possível depende por sua vez das estruturas de governação e sua eficácia. Será esse o problema a discutir, neste artigo, visando perceber as perspetivas de futuro.

CV

PhD Political Studies (U. Aberdeen). Professora Associada da Universidade Fernando Pessoa. Escrevo e investigo sobre temas ligados à governação regional-supranacional (foco UE) e às políticas globais, com particular foco na ONU e seu sistema. A minha formação em Ciência Política torna os modelos multinível da governação particularmente interessantes.

Ellen Maria Martins de Vasconcellos

UNIVERSIDADE DO PORTO

As possíveis resistências na literatura contemporânea em tempos de catástrofes

Resumo. Parte da literatura escrita nos dias atuais, que narra as aproximações ao final dos tempos e espaços que a humanidade se situa, poderia ter sido lida há duas ou três décadas como distopia, no entanto, pela ampla divulgação da condição planetária, e vários eventos de catástrofes naturais, técnicas, políticas acontecendo em todo e qualquer lugar, essas mesmas literaturas são lidas hoje como realistas, talvez ainda com um toque fantástico ou inverosímil, em alguns casos. No entanto, esse "toque", como veremos, não só faz parte dos sintomas da doença da humanidade, e que a literatura reflete, como também é parte de algumas das formas de resistência que as literaturas contemporâneas escritas nas Américas (Chile, Argentina, Bolívia, Estados Unidos, Brasil) nos trazem – seja para realizar um retorno a certas cosmogonias e religiões do passado, que permitiria uma reconexão com a terra e o inumano; seja para reivindicar um outro futuro, menos individualista e mais comunitário. Buscaremos a partir da análise de algumas obras literárias, responder se há na ficção, ao menos, um caminho iniciado para a sobrevivência na humanidade, mesmo que ela seja outra. Corpus literário: *Sumar*, de Diamela Eltit; *Los días de la peste*, de Edmundo Paz Soldán; *Distancia de Rescate*, de Samanta Schweblin; *Los cuerpos de verano*, de Martín Felipe Castagnet; *10:04*, de Ben Lerner e *A ocupação*, de Julián Fuks.

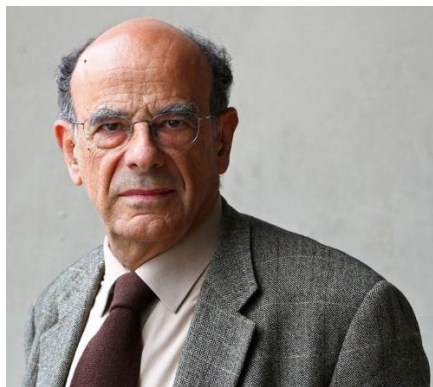
CV

Ellen Maria Martins de Vasconcellos é bacharel e licenciada em Letras, português e espanhol pela Universidade de São Paulo, com diploma reconhecido pela Universidade do Porto. Estudou em Salamanca, Buenos Aires e Guadalajara durante a graduação. É mestre em literatura hispano-americana e atualmente estudante de doutorado na mesma universidade. É tradutora literária de autores como Sara Gallardo, Cesar Vallejo, Ben Lerner, Natalia Litvinova, etc., e editora de livros didáticos e literatura. Tem artigos científicos publicados em revistas acadêmicas no Brasil, Peru, Estados Unidos. Investiga a catástrofe e as formas de sobrevivência na literatura latino-americana contemporânea.

Special panel “Risks in the Anthropocene”

Filipe Duarte Santos

LISBON UNIVERSITY



Geoengenharia do Clima. Emissões Estratosféricas de Aerossóis

Abstract. Face à emergência climática resultante do reduzido orçamento de carbono de que a humanidade ainda dispõe para não ultrapassar 2°C de aumento da temperatura média global da atmosfera à superfície, a investigação em geoengenharia climática tem tido um desenvolvimento significativo. Será apresentada uma revisão dos processos de emissões negativas e de várias formas de geoengenharia e uma análise sobre as suas vantagens e riscos de efeitos secundários. Será dada especial atenção à geoengenharia de emissão estratosférica de aerossóis.

CV

Filipe Duarte Santos is full professor of Physics, Geophysics and Environment at the University of Lisbon and the Director of the PhD program on Climate Change and Sustainable Development Policies, which involves the University of Lisbon and the New University of Lisbon.

He was Vice-President to the UN Commission on the Peaceful Uses of Outer Space, delegate to the Conference of Parties of the United Nations Framework

Convention on Climate Change. He is a member of the the Lisbon Academy of Sciences. He was also the Coordinator for the “Area de Desarrollo Sostenible, Cambio Global y Ecosistemas del Programa CYTED (Ciencia y Tecnologia para el Desarrollo)” from 2007 to 2011 and was Review Editor for the 5th Assessment Report of the IPCC. Member of ESAC – European Academies Science Advisory Council, in representation of the Lisbon Academy of Sciences.

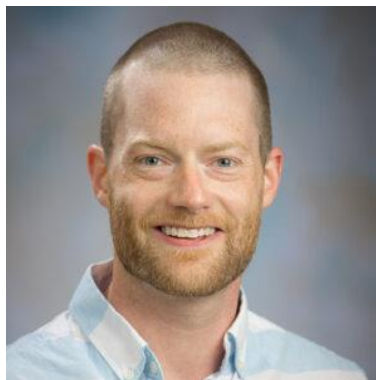
Author of more than a hundred articles in areas of Nuclear Physics, Nuclear Astrophysics and Global Change, Filipe Duarte Santos has recently published a considerable number of reports and articles covering climate change and its impacts. He was the coordinator of the SIAM Project, “*Climate Change in Portugal. Scenarios, Impacts and Adaptation Measures*” and PI of several research projects in the area of climate change and environment.

Filipe Duarte Santos was recently nominated by the Ministry of the Environment coordinator of the Working-Group for the National (Portuguese) Strategy for the Coastal Zones (2014).

Presently he is the President of the Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável (National Council for the Environment and Sustainable Development) (CNADS).

Patrick Keys

COLORADO STATE UNIVERSITY



The future of Anthropocene risk

Abstract. The Anthropocene is a time of rapid and accelerating global social and environmental change. Anthropocene risks are those that stem from anthropogenic changes, exhibit cross-scale dynamics in space and time, and are characterized by social-ecological connectivity - from local to global scales. Understanding such risks is critical for discerning sustainable pathways

forward. Yet, key challenges exist, which confound the ability to comprehend what the future is, and how this future might unfold. In this talk, I will share contemporary examples of Anthropocene risk, and also highlight potentially confounding technological changes. I will conclude with a discussion of implications of anticipatory science, such as the Anthropocene risk framing, in a world of increasing decision stakes and contested norms of uncertainty.

CV

Patrick Keys is a Research Scientist for School of Global Environmental Sustainability (SoGES) at the Colorado State University. His research is focused on a broad range of global sustainability challenges, including climate change impacts, cross-scale risks, and social-ecological tele-connections. His doctoral work sought to understand the dynamics between sources and sinks of atmospheric moisture, particularly how socially-driven changes in evaporation could be related to downwind, terrestrial precipitation. He has also worked on other topics ranging from the role of science fiction in developing more realistic scenarios for the future of Earth's oceans, to the importance of recognizing the Anthropocene as a new baseline for global risk analysis.

Prior to joining SoGES, Pat founded an environmental consultancy that worked with local and international partners. In collaboration with different partners, he explored food security in the UAE, the link between drought and conflict in sub-Saharan Africa, and climate change adaptation and mitigation in Fort Collins. He has also conducted fieldwork in Alaska (fish biology), Wyoming (burrowing owl behavioral ecology), American Samoa (indigenous perspectives on conservation), Morocco (agricultural water policy), Suriname (small-scale water supply), and Vietnam (climate change impacts).

Pat has a PhD in Sustainability Science from Stockholm University, an MSc focused on Water Resources from University of Washington, and a BA in Biology from Willamette University. (from:

<https://sustainability.colostate.edu/people/pat-keys>)

Orfeu Bertolami

UNIVERSIDADE DO PORTO

Where the Anthropocene leads us to?

Abstract. We discuss a model to describe different equilibrium states of the Earth System in terms of the physics of phase transitions. The proposed

formulation allows us to describe possible trajectories in the phase space as a function of the impact of the human activities in terms of the deviation of the Planetary Boundaries from their values at the Holocene. Strategies to mitigate the impact of the human activities are also discussed.

CV

Orfeu Bertolami earned his Ph. D. in Theoretical Physics at the University of Oxford in 1987. He is full professor in the Faculty of Sciences of University of Porto, Portugal, and was chairman of the Physics and Astronomy Department of that Faculty from 2013 to 2019. He has been active in research in a wide range of subjects such as astrophysics, cosmology, gravity and space science. He has been a consultant scientist of the European Space Agency (ESA), and, till December 2012, was a member of ESA's Galileo Science Advisory Committee. In the last few years, he has been intensively working on the science of the Earth System, and extensively lectured on climate change and on the impact of the human activities in driving the Earth System away from its ideal functioning Holocene-like conditions. In this context, he has proposed the so-called Anthropocene equation, which allows for predicting the behavior of the Earth System as a function of the impact of the human action and for designing mitigation strategies. His most recent work includes a proposal to restore ecosystems boosted by a cryptocurrency specifically created for this purpose and on the urgency to build up resilience strategies to equip society to cope with Anthropoc risks (pandemics, climate change and environmental disasters). Home page: <http://web.ist.utl.pt/orfeu.bertolami/homeorfeu.html>

Agostino Cera

UNIVERSITY OF FERRARA

Responsibility as a risk: Towards an ethics for the Anthropocene

Abstract. My paper sketches an *ethical paradox* – and thus a *prominent risk* – emerging within the Anthropocene: *The Paradox of Omni-responsibility*.

The first step of my argument is a *critical dissection of the Anthropocene*. In fact, it has proved to be something more than an aspirant geological epoch: “a paradigm dressed as epoch”, namely “the ideational underpinning for a particular *worldview*”. This worldview consists in the acritical acceptance of the *definitive osmosis/(con)fusion between techné and physis*, whose outcome is a “denaturated image of nature”, i.e. a “*Technature*”. Within this unprecedented framework, human being leaves the role of the lord of a nature conceived as an

object (or “*standing-reserve*”) and takes on that of the “*Planetary Manager*” of a nature conceived as a *living being*. Nature becomes some kind of *pet*: something living, but entirely dependent on us and therefore something for which – thanks to our current “technological omni-power” – we (must) feel *totally responsible*. I define this phenomenon – i.e. a trans-objectual reification of nature – *Pet-ification of Nature*.

The combination between the Pet-ification of Nature and the absolutization of Planetary Manager’s responsibility produces the *Ethical Paradox of Omni-Responsibility*. On the basis of its ecological duty of total caretaking of its environment, human being gives birth to a *new form of anthropocentrism* not less problematic than the traditional one. It is the *Aidosean Prometheanism*, i.e. the reflection of an ‘*Aidosean*’ man (after Aidos, the Greek goddess of shame and humility), who feels himself ‘only’ as the steward of a nature conceived as a living being. However, this living being is thought in need of a *total care*. Promethean *hybris* emerges here as the paradoxical outcome of *hyper-interest* and *omni-responsibility* towards the otherness of nature.

As a result, the Anthropocene establishes the overcoming of Jonas’ “imperative of responsibility” as ethical standard. From an ethical perspective the most urgent request of our epoch is that we acknowledge the *Limits of Responsibility*, namely the potentially dangerous consequences of our best intentions, when they become completely makeable. At the same time, it demands that we become aware of a new ethical problem: the *potential aporia between the responsibility for the other and the respect of its otherness*, namely that no authentic “*Verantwortlichkeit*” (responsibility) is possible without “*Gelassenheit*” (releasement).

The acknowledgment of this new ethical problem also suggests the first stage to face it: a *renewed dialogue between responsibility and releasement*, i.e. between Jonas and Heidegger.

CV

Agostino Cera is assistant professor of Theoretical Philosophy at the Department of Humanities of the University of Ferrara (Italy). In 2006 he received his PhD degree in Theoretical Philosophy at the University of Naples “Federico II”. He works on continental philosophy between XIX and XX Century (Löwith, Heidegger, Anders), philosophy of technology, philosophical anthropology and philosophy of film. He established an original proposal of philosophical anthropology of technology: the “Philosophy of Technology in the Nominative Case (TECNOM)”. More recently, as a natural outcome of the re-encounter between philosophical anthropology and philosophy of technology, he dealt with the Anthropocene considered as the best candidate for becoming the *métarécit* of our age.

His books include *Io con tu. Karl Löwith e la possibilità di una Mitanthropologie* (Guida, 2010), *Der Mensch zwischen kosmologischer Differenz und Neo-Umweltlichkeit. Über die Möglichkeit einer philosophischen Anthropologie heute* (Traugott Bautz, 2018), *Nella società pandemica. Prove tecniche di tecnocosmo* (Aras, 2022). He published several articles and essays in international philosophical journals like *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, *Techné: Research in Philosophy and Technology*, *Archivio di filosofia*, *Információs Társadalom*, *Revista Portuguesa de Filosofia*, *Etica & Politica*. (<https://ferrara.academia.edu/AgostinoCera>)

Fernando Lopes Chaves

MARSH CONTINENTAL EUROPE

Eventos globais e a evolução das percepções de riscos globais

Resumo. Análise comparativa entre os resultados do “Global Risks Report”, do Fórum Económico Mundial, sua evolução e ângulos de análise e os impactos de eventos catastróficos e da natureza na economia e no setor segurador. Abordagem às tendências e aos potenciais efeitos no futuro em termos de apetite de risco.

CV

Com 28 anos de experiência na indústria seguradora, dos quais 19 na Marsh (líderes mundiais em consultoria de risco e seguros), Fernando Chaves é hoje Chief Strategy Officer e responsável pelo desenvolvimento de negócio da Marsh Advisory em Portugal. Formado em Comunicação Empresarial e Relações Públicas pela Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa e pós-graduado em Marketing Empresarial pelo IPAM, completou recentemente formação para executivos em “Sustainable Finance” pelo ISEG / IDEFE. Ao longo dos últimos anos tem sido o representante da Marsh McLennan na apresentação anual do Global Risks Report, editado pelo World Economic Forum e no qual o Grupo colabora desde a primeira edição em 2006.

Daniele Fulvi

WESTERN SIDNEY UNIVERSITY

Justifying the Unjust? Seeking to Avert Runaway Climate Change through Synthetic Biology

Abstract. In this talk, I put forth an ethical framework for the use of synthetic biology to avert runaway climate change. I establish the premise by which such unjust action can be justified: namely that it is impossible to avert runaway climate change without sequestering sufficient existing as well as future greenhouse gasses (GHGs), which could only become remotely possible through Negative Emissions Technologies (NETs). Among these technologies, synthetic biology could play a potentially decisive role, such as through bioengineering organisms to sequester GHGs. Nevertheless, I discuss how and why synthetic biology is unjust, as it provides no means to remedy the profound socioeconomic and political inequalities that gave rise to the Anthropocene. However, I maintain that, given the exceptional gravity of the climate crisis, synthetic biology is still less unjust than the runaway climate change that will ensue, absent sufficient success in implementing NETs. I then discuss three objections to the use of synthetic biology – unnaturalness, delusion, and injustice – showing how these are mainly directed against an anthropocentric understanding of the technoscience. Hence, I provide an ethical justification of synthetic biology through a zoocentric approach, employing natural reproductive life (*zoe*) as the kernel of ethical values and principles guiding our response to the crisis.

CV

Daniele Fulvi is a PhD Graduate in Philosophy and a Research Officer at the Institute for Culture and Society, Western Sydney University node of the Centre of Excellence in Synthetic Biology. He is currently working on a project on the ethical and social dimensions of technoscientific interventions to mitigate climate change. His main publications include “Schelling as a Thinker of Immanence: *contra* Heidegger and Jaspers” (*Sophia*, 2020) and “Freedom as a Matter of Resistance in the Philosophy of Schelling” (*Critical Horizons*, 2021). Daniele was awarded the 2020 Dean’s Thesis Prize for the Best PhD in the School of Humanities and Communication Arts at Western Sydney University.

António Bento Gonçalves

UNIVERSIDADE DO MINHO

Wildfires in the Anthropocene

Abstract. Wildland fires are a key variable in the global earth system and are an integral part of some biomes, being an essential factor for the functioning of many ecosystems.

Nowadays, fire occurrence is heavily influenced by human factors (Bowman et al., 2011), and certain fire regimes can be considered human-driven (Archibald et al., 2013). It has been estimated that more than 30% of the global land surface is subject to a considerable frequency of vegetation fires (Chuvieco et al., 2008).

Fire modifies the atmosphere and influences ecosystem structure and function, and has played this role in Earth history for ~ 420 million years. The climate has varied and changed during this time, affecting ecosystems, fire and their interaction. As the climate has warmed from ice age conditions over the last 10,000 years, the human influence of changing land use, agriculture and industrialisation has increased. Humans have changed fire regimes and are changing the climate. Fire history records how climate, humans and other factors have shaped fire regimes in the past and help us understand how climate change may modify fire regimes in the future (Summers et al., 2011).

The Earth is vast and its 'pyrogeography' has varied and changed throughout geological history, yet due to ongoing global changes (Tavsanoğlu and Úbeda, 2011), fire regimes are expected, as we have witnessed in recent years, to respond immediately to climate change (Bento-Gonçalves et al., 2012) in terms of fire frequency, size, seasonality, recurrence, intensity and severity.

Financiamento:

“Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático)”.

CV

António Bento-Gonçalves (Associate Professor) Universidade do Minho/Departamento de Geografia/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Graduated from the University of Coimbra with a degree in Geography and a Master's in Physical Geography, and from the University of Minho with a PhD in Physical Geography and Environmental Studies. Associate Professor at the Department of Geography of the Institute of Social Sciences of the University of Minho, where he is the current Director, and has helped create the degree in Civil Protection and Territorial Management, which he has been its Director since its creation until 2021. President of the Portuguese Association of Geographers (APG) and researcher at the Centre for Studies in Communication and Society (CECS – University of Minho), where his main research interests are wildland fires, natural hazards and erosion and land degradation. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9646-156X>; Publicações: <http://publicationslist.org/bento>

Carmen Diego Gonçalves

UNIVERSIDADE DO PORTO

Resilient communities: A non-catastrophic view to face risks in the Anthropocene

Abstract. Modern societies are facing the limits of their development model. States and citizens face dangers and risks, the more systematically intensified the greater the vulnerability and uncertainty associated with decision-making processes. The geological time, in which we live today, called the Anthropocene, refers to the impact of human action on the Planet, increasing the amount and magnitude of risks that we must face, namely in particular those arising from climate change.

The call for a new international climate order must consider that environmental changes happen at the local level, in communities, thus, cities and municipalities emerge as fundamental arenas of resilient thinking and action, presupposing negotiation boundaries for sustainable policies transition and development, which leads us to reflect on economic models and options. Strong alliances and broad popular participation are needed, and also active and participative actions of scientists – called today as "militant", within the ambit of what is also called "citizen science". Therefore, resilience and disaster risk reduction must be part of communities design and strategies to achieve sustainable development, as opportunities for action, where climate emergency governance should be exercised.

CV

Carmen Diego Gonçalves is a Researcher at the Physics and Astronomy Department at FCUP, in the ClimAtiC project; Collaborator at the UP Institute of Sociology and at the Research Center for Regional and Local Studies, University of Madeira (CIERL-UMa). Completed PhD in 2006, in the area of Sociology of Education, Culture and Communication, with the dissertation entitled: "Styles of thought in the conceptions and perceptions of risk: the seismic risk in mainland Portugal - from prediction to prevention", at the University Institute of Lisbon (ISCTE-IUL), with Distinction and Praise, with a PhD grant from the Foundation for Science and Technology.

Among her areas of interest and research are: Conceptions and perceptions of risk; Risk society, disasters, vulnerabilities, protective factors; resilience and resilient communities. In the last four years, has directed her research to climate change and the implications of the Anthropocene, with a focus on

resilient communities. Experience in the design, implementation, development and monitoring of research projects in national and international networks. Within the scope of research grants for PhD and post-doctoral studies, she underwent periods of scientific training at: (a) Institute of Environment, Philosophy and Public Policy, Center for Philosophy, Lancaster University (UK) (2001); (b) Hazard and Vulnerability Research Institute (HVRI), University of South Carolina, USA (2010) and (c) Disaster Research Center (DRC), University of Delaware, USA (2011). Has developed work in the areas of university education, research and university training. Author of several communications, her work has been published in books, book chapters and articles in national and international journals. <https://www.cienciavita.pt/portal/7416-E091-62B9>; <https://independent.academia.edu/CarmenDiegoGoncalves>

Paul Lewis

UNIVERSITY OF INCARNATE WORLD

Legitimation Crisis: A Fifty-Year Postscript

Abstract. Since the publication of Jurgen Habermas’s *Legitimation Crisis* nearly fifty years ago, the manifestations of a “world risk society” have expanded and intensified in every sphere of public and private life: in political practices and institutions, in the physical and social sciences—everywhere. The same period coincides with the steep rise of neoliberal economic ideologies and incursions worldwide. More recently, the saturation of discourse by wired, wireless, and onscreen modes of communication has produced a vast and monetized “attention economy” that could not possibly leave intact the premises of communicative rationality that Habermas imagined and defended fifty years ago.

In short, the conditions for adequately representing and understanding *risk* and *crisis* in late capitalism have changed greatly since the publication of *Legitimation Crisis*, while risk and crisis themselves have come to dominate both the background and the foreground of global interest, anxiety, confusion, and even despair. A careful re-examination of this influential work is overdue, and this is the task I aim to accomplish in the present essay. Although Habermas is known for his system-building, in the preface to *Legitimation Crisis* he explicitly characterized the work as a “clarification of very general structures of hypotheses,” adding that this should not be confused with the communication of empirical results. For this reason, the present essay can be considered as a kind of postscript, an attempt to discern which among these general structures and hypotheses remain worthwhile or even coherent today.

Risk and crisis are composite phenomena, which carry subjective, objective, and intersubjective meanings. Consequently, my review of the main ideas in *Legitimation Crisis* will also be an opportunity to clarify the shifts in this composition that have occurred since Habermas examined them as symptoms of late capitalism. Because of this, the present essay is not only a postscript but also a consideration of risk and crisis in the aftermath of “late” capitalism.

CV

Paul Lewis is Associate Professor and Chair in the Philosophy Department at the University of the Incarnate Word, in San Antonio, Texas. His chief interests in teaching and research hop around in the history and philosophy of science and technology. Recent publications include a review, published in *Contemporary Political Theory*, of Louise Amoore’s *Cloud Ethics*, and “How Can I Say This without Sounding Crazy?” in *Conspiracy Theories: Philosophers Connect the Dots*, edited by Richard Greene and Rachel Robison-Greene.

João Ribeiro Mendes

UNIVERSIDADE DO MINHO

Exploring the idea of an Anthropocene risk index

Abstract. Risk indices are an important way of identifying the most serious risks in a given sphere of socio-natural life, communicating their seriousness and recommending actions to address them. They are useful, or perhaps even crucial, tools for us to conduct our lives.

Patrick Keys et al. (2019) proposed a new category of risks called “Anthropocene risks” that would be distinguished by having three distinct characteristics: they stem from anthropogenic changes, exhibit cross-scale dynamics in space and time, and have socioecological connectivity.

The idea that I will try to explore in my communication is the feasibility of an Anthropocene risk index. In the first part, I will clarify the meaning I attach to the more general (and controversial) notion of “risk”. In the second part, I will critically analyze the category of “Anthropocene risk” introduced by Keys et al. (2019). In the third part, I will consider steps needed to develop an Anthropocene risk index, i.e., which measure to use to calculate them (risk measure), and then how to map that measure to a numerical or categorical value (risk index).

CV

João Ribeiro Mendes is Assistant Professor at the Department of Philosophy at the University of Minho (Braga, Portugal), Integrated Researcher at CEGOT-Center of Studies in Geography and Spatial Planning (Group 1: Nature and Environmental Dynamics) at the University of Coimbra and president from the Institute for Anthropocene Studies (INFAST). He develops his research mainly in the areas of Philosophy of Science, Philosophy of Technology and Anthropocene Studies. He is the author of a book on Ian Hacking's Experimental Realism (2015), co-editor of two books on Philosophy of Technology, one on Friedrich Dessauer's Philosophy of Technology (2018) and another on "Liquid Technophilosophy" (Günther Anders, Hans Blumenberg, Peter Sloterdijk) (2019), and co-editor of a book on Anthropocene Studies (2019). He has also published several articles, critical reviews and book chapters. He is co-editor of *Anthropocenica. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*.

Artur Sá

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Antropocénico – ser ou não ser um período geológico?

Resumo. O aparecimento da designação informal 'Antropocénico', enquanto proposta para uma nova divisão do tempo geológico, capaz de refletir as influências dos seres humanos sobre o ambiente, tem vindo a ser objeto de intensa discussão nos círculos científicos, em especial entre os geólogos. O facto de este termo ainda não ter sido formalizado em nenhuma nomenclatura formal pela IUGS, faz com que o mesmo deva ser entendido apenas como um conceito cultural, ideológico e utilitário, e não enquanto unidade de tempo geológico, com limites precisos e com um registo duradouro no tempo. Porém, a utilização indiscriminada desta designação pode conduzir a um reducionismo na forma de entender as dinâmicas do Planeta e facilmente entendido como evidência de não retorno na degradação ambiental do sistema Terra, o que seria entendido como uma consequência perigosa. Nesse sentido, o 'Antropocénico' poderia ser considerado como mais um evento geológico na história da Terra.

CV

Artur A. Sá é Professor Associado do Departamento de Geologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Desenvolve pesquisas em Paleontologia do Paleozóico Inferior e Bioestratigrafia. Tem um interesse especial em Geoparques Globais da UNESCO e qualquer tópico relacionado. É titular da

Petr Špecián

CHARLES UNIVERSITY AND PRAGUE UNIVERSITY OF ECONOMICS AND BUSINESS

Democracy and Anthropic Risk

Abstract. With the growing sense of urgency of the anthropic risks—climate change being the leading example—there is also an increasing concern regarding liberal democracy’s capability of mitigating them. True, liberal democracy has proven to be a political system supportive of unprecedented human flourishing. At the same time, however, it appears increasingly plagued by runaway political polarization, strained to cope with the digitalization of the political discourse, and threatened by populist backlash. Lacking a sufficient degree of the citizens’ consensus on the priority issues of the day, liberal democracy can find itself unable to muster the resolve and resources necessary to alter its “business as usual” path even where disasters loom ever larger in its current track. Thus, its legitimacy vis-à-vis more authoritarian forms of government may be contested (Mittiga, 2021).

I shall dedicate my talk to the defense of democracy’s potential in the face of the anthropic risks. While the situation of the government “of the people, by the people, for the people” is quite precarious currently, democracy’s epistemic and instrumental potential remains far from depleted. I will discuss democratic reforms at the margin of the existing political institutions as well as in their very core to tap this potential more fully. Doing so, I take guidance from Hélène Landemore’s (2020) recent proposal to rethink the principles of democratic representation as well as from the debates on “behavioral political economy” (Schnellenbach and Schubert, 2015) that explore the quirks and bounds of human rationality in the political context. My main proposal is to concentrate the reform efforts on reshaping the deficient incentives that democratic citizens face when engaging in political discourse and making their political choices. Doing so, paternalist measures should be avoided as far as practicable, however. The task is to provide the people with the opportunity and the motivation for exercising their sovereignty, not to guide their hand towards preselected outcomes.

References: Landemore, H. (2020) *Open democracy: reinventing popular rule for the twenty-first century*. Princeton: Princeton University Press; Mittiga, R. (2021) ‘Political Legitimacy, Authoritarianism, and Climate Change’, *American Political Science Review*, pp. 1–14. doi:10.1017/S0003055421001301; Schnellenbach, J. and Schubert, C. (2015) ‘Behavioral political

economy: A survey', *European Journal of Political Economy*, 40, pp. 395–417. doi:10.1016/j.ejpoleco.2015.05.002.

CV

Petr Špecián, Ph.D. is an assistant professor at Charles University and Prague University of Economics and Business. His research is concerned with the topics in the borderlands between economics and philosophy. Recently, he has been concentrating on the role of experts in a democratic society and the prospects of behaviorally informed paternalism. His most current work is a monograph “Behavioral Political Economy and Democratic Theory: Fortifying Democracy in the Digital Age” to be published by Routledge in the Spring of 2022. He teaches microeconomics, public sector economics, and philosophy of the social sciences.

Wofgang Wagner

UNIVERSITY OF TARTU

“Climate Change” as a Social Object

Abstract. Discussion on how the issue of climate change becomes a social phenomenon and a social object. The process follows the model of how the public comes to represent scientific issues in the course of discursive and media events. The process unfolds from communal forms of discourse through institutionalisation, uptake by mass media and political intervention to a reified discourse. The reified discourse, at the end, is characterised by ideological markers and by barring alternative voices.

CV

Wolfgang Wagner is professor of social psychology at the University of Tartu, Estonia, after having retired from Johannes Kepler University of Linz, Austria. His interests are in theoretical and empirical work on societal psychology, social and cultural knowledge, popularisation of science, intergroup relationship, Social Representation Theory and political discourse. He authored and edited several books. "Everyday Discourse and Common Sense—The Theory of Social Representations" (N. Hayes ed.) is a standard on the the Theory of Social Representations. His latest contribution is in Oxford Research Encyclopedia of Psychology on the history of Social Representation Theory (2020). He is associate editor and board member of several scholarly journals. He held

visiting positions at several foreign universities, including Cambridge, UK, Maison des Sciences de l'homme, Paris, and Kyoto University, Japan.